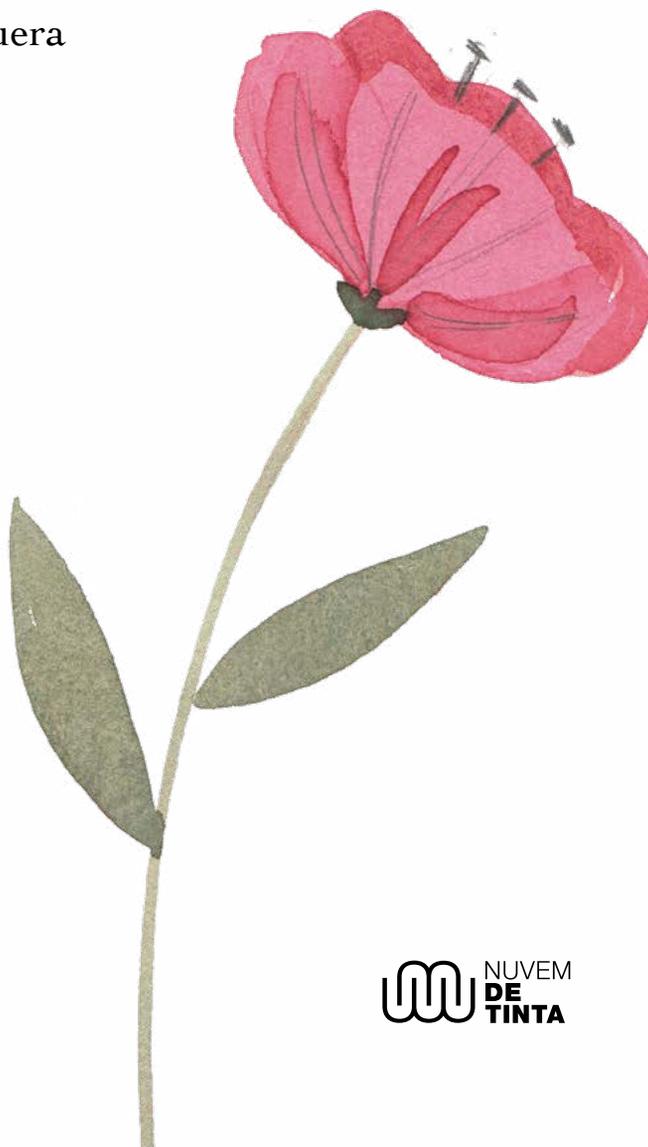


P PRINCESAS *que* MUDARAM *a* HISTÓRIA

Virginia Mosquera

Lydia Sánchez



PATTI SMITH

PRINCESA DO ROCK

A pequena Patti nasceu num bairro de Chicago, num dia branco como o papel de seda.

Assim que a viu, o médico disse:

– É muito estranha.

Mas a mãe, que cantava *jazz*, cozinhava com esmero e enchia as estantes de casa com todos os livros que encontrava, corrigiu-o logo:

– **Não é estranha, é especial.**

E era-o, sem dúvida.





Desde pequena, a Patti começou a colecionar palavras. **Palavras** que encontrava aqui e ali. Pequenos tesouros que decidiu juntar num cofre.

Talvez não houvesse muito para fazer naquele bairro de Chicago, mas ela divertia-se a criar belas combinações com os seus tesouros, que distribuía pelo chão do seu quarto.

Era habitual vê-la colocar «**glória**», «**cavalo**» ou «**barulho**» junto a «**nuvem**», «**tinteiro**» ou «**comboio**». Entrelaçava palavras, fazia comboios de letras, colares de frases... Sem o saber, estava a fazer **poesia***.

Podia parecer estranho, mas a Patti descobriu de imediato que «**estranho**» era uma boa palavra: **estranho era especial**.

*Poesia: a poesia
serve para fazer
voar as ideias.

À medida que crescia, o bairro tornava-se pequeno para ela e um dia disse aos pais que ia para essa grande cidade onde os edifícios tocam no céu e lhe arranham a barriga: a fascinante Nova Iorque.

E partiu, com o seu cofre de palavras, um casaco e todo o seu entusiasmo, para trabalhar numa joalheria de tesouros antigos no SoHo, em Manhattan.

Todos os dias, a caminho do trabalho, ia reunindo ideias e palavras perdidas, joias que só ela sabia apreciar. E naquela loja, graças a um alfinete em forma de borboleta que ela colocou delicadamente na montra, conheceu o primeiro génio que apareceria na sua vida: um jovem vibrante de olhos azuis que andava sempre com uma máquina fotográfica e usava calças à boca de sino. Ele comprou-lhe o alfinete em forma de borboleta e, depois, ofereceu-lho.

